

Universidade, trabalho e atuação sindical: percepções e sentimentos de docentes do ensino público superior a partir do estímulo fotográfico

Recebido em 18-09-2016

Aceito para publicação em 02-12-2016

Izabel Cristina Ferreira Borsoi¹

Resumo: Este artigo visa discutir percepções e sentimentos de docentes do ensino público superior acerca da universidade, do trabalho e da atuação sindical a partir do uso do estímulo fotográfico. Foram realizadas 18 entrevistas com professores e professoras, convidados a comentarem situações diversas – relacionadas ou não à vida universitária – retratadas em 22 fotografias. Os docentes tenderam a destacar imagens de cenas bucólicas e prazerosas, descartando aquelas relacionadas a condições laborais precárias. A fotografia retratando um momento de atuação política evocou saudosismo em relação ao período mais combativo do movimento sindical. Para os docentes, a universidade é caracterizada por beleza e encanto, por precariedade e desorganização. O trabalho acadêmico é percebido como gratificante, embora realizado em condições desestimulantes.

Palavras-chave: trabalho docente; universidade; atuação sindical; fotografia.

I universidad, trabajo y actuación sindical: percepciones y sentimientos de docentes de la enseñanza pública superior a partir del estímulo fotográfico

Resumen: este artículo pretende discutir percepciones y sentimientos de docentes de la enseñanza superior acerca de la universidad, el trabajo y la actuación sindical a partir de la utilización del estímulo fotográfico. Se han realizado 18 entrevistas a profesores y profesoras, invitados a comentar situaciones diversas – relacionadas con la vida universitaria o no – retratadas em 22 fotografías. Los docentes han tendido a destacar imágenes de escenas bucólicas y placenteras, descartando aquellas relacionadas con condiciones laborales precarias. Una fotografía que retrata a un momento de actuación política a evocado nostalgia del período más combativo del movimiento sindical. Según los docentes, la universidad se caracteriza por belleza y encanto, por precariedad y desorganización. El labor académico es percibido como gratificante, aunque realizado bajo condiciones desalentadoras.

Palabras clave: trabajo docente; universidad; actuación sindical; fotografía.

University, work and trade union activities: perceptions and felings of public university teachers from a photographic stimulus

Abstract: This article aims to discuss the perceptions and feelings of public university teachers on work and union activity from the use of photographic stimulus. 18 interviews with university teachers and invited ones were made, and they were asked to make comments on various situations – whether

¹ Psicóloga pela Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. Mestre em Psicologia Social (Pontifícia Universidade Católica/PUC-SP) e doutora em Sociologia (Universidade Federal do Ceará/UFC). Professora do Departamento de Ciências Sociais/UFES. Vitória, Brasil. E-mail: cristinaborsoi@uol.com.br

or not related to university life – depicted in 22 photographs. The teachers tended to highlight images of bucolic and pleasant scenes, discarding those related to precarious working conditions. A photograph depicting a moment of political action evoked nostalgia in relation to the more combative period of the trade union movement. For these teachers, the university is characterized by beauty and charm, by precariousness and disorganization. The academic work is perceived as being rewarding, despite being done in discouraging conditions.

Keywords: teaching work; university; trade union activity; photography.

1. Introdução

O debate em torno do trabalho docente do ensino público superior no Brasil tem-se intensificado nos últimos anos. A questão tornou-se relevante devido, principalmente, às consequências oriundas dos projetos de reforma da educação de nível superior que atingiram a categoria dos professores, tanto no que diz respeito aos direitos trabalhistas, quanto aos aspectos relacionados ao próprio trabalho acadêmico e às condições para sua realização. Esse processo teve como contexto a reestruturação do aparelho estatal, iniciada na década de 1990, cujo objetivo central era modernizar a administração pública visando, assim, flexibilizar e reduzir seus custos, como informam Silva Junior e Sguissardi (2000).

A partir de então, teve lugar a construção de uma nova cultura universitária. Como outras instituições públicas brasileiras, as universidades também passaram a “adotar princípios e critérios de gestão do trabalho semelhantes aos do modo de organização do setor privado: política produtivista, estímulo à competição, exigência crescente de maior qualificação profissional etc.” (BORSOI, 2012, p. 83). A nova ordem no mundo do trabalho acadêmico impactou de maneira avassaladora a vida dos docentes, tanto no âmbito da própria universidade como fora dele.

Os estudos referentes às questões relativas a essa problemática têm produzido resultados importantes, dentre os quais cabe destacar: 1) os docentes vêm lidando com o aumento da precarização e da precariedade do trabalho² nas universidades, o que se expressa em perdas de direitos trabalhistas e em condições de trabalho cada vez mais difíceis, no que

² A noção de precarização “está relacionada ao processo de reestruturação produtiva, que trouxe em seu seio formas de flexibilização dos vínculos empregatícios, das relações de trabalho, da jornada e das condições de trabalho etc.” Por seu turno, precariedade diz respeito “à inadequação das condições objetivas em que as atividades docentes são realizadas. Nesse caso, trata-se de um quadro de longa data que tem caracterizado a universidade, e que revela, muitas vezes, o descaso político, de um lado, e administrativo, de outro, por parte das instâncias superiores da instituição”. (BORSOI, 2012, p. 82, 90).

diz respeito à infraestrutura adequada para que cumpram as metas estabelecidas de produtividade (ALVAREZ, 2004; SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2009); 2) a quantidade e a variedade de incumbências acadêmicas têm impactado de maneira significativa a saúde dos docentes, causando sofrimento e adoecimento (EMILIANO, 2008; LACAZ, 2010; BORSOI; PEREIRA, 2013); 3) o trabalho tem cada vez mais invadido o tempo que deveria ser dedicado à esfera privada, principalmente no caso das professoras, fazendo com que elas manifestem mais problemas relacionados à saúde, se comparadas aos homens (BORSOI; PEREIRA, 2011); 4) o desinteresse dos docentes pelas atividades sindicais no âmbito das universidades públicas tem sido crescente, de certo modo acompanhando a retração dos movimentos sindicais, em um processo relacionado às profundas transformações observadas na esfera do mundo do trabalho (OTRANTO, 2000; LEMOS, 2010).

Levando-se em consideração a dimensão do problema apontado acima, o objetivo deste artigo é discutir percepções e sentimentos manifestados por docentes de uma universidade pública federal brasileira acerca da própria universidade, do trabalho acadêmico e da atuação sindical, utilizando, como estímulo para suas falas, imagens fotográficas.

Cabe destacar que a fotografia tem sido adotada, há algum tempo, como recurso metodológico no campo das ciências humanas e sociais. A esse respeito, Loizos afirma:

As imagens fazem ressoar memórias submersas e podem ajudar entrevistas focais, libertar suas memórias, criando um trabalho de “construção” partilhada, em que pesquisador e entrevistado podem falar juntos, talvez de uma maneira mais descontraída do que sem tal estímulo. (LOIZOS, 2005, p. 143).

Sato (2009, p. 222) atesta que a imagem fotográfica pode ser uma “fonte de inspiração para os relatos apresentados” durante uma entrevista ou uma conversa; pode, também, servir de “mote para desencadear, espontaneamente, comentários importantes para compreender” uma determinada situação de trabalho. O recurso adotado por ela implica a produção de imagens fotográficas de situações que envolvem diretamente os próprios pesquisados e seu trabalho.³

Neiva-Silva e Koller (2002), por sua vez, informam que são várias as maneiras de uso da fotografia como recurso metodológico. Entre elas está a de modelo. Nesse caso, as imagens

³ Sato pesquisou o trabalho em feiras livres. Utilizou a fotografia como recurso metodológico para apreender cenas desse espaço laboral e também como forma de mediação entre ela, enquanto pesquisadora, e os feirantes na condição de pesquisados.

enfocam temas que dizem respeito ao objeto de investigação. O foco principal de análise são as falas, as percepções e as reações diante das imagens apresentadas, não importando a autoria delas.

Em um estudo realizado com docentes de uma universidade pública federal, Rosenberg (2011) utilizou a imagem (fotografia ou vídeo) como recurso disparador de diálogos entre os integrantes do grupo pesquisado. Nesse caso, o material imagético foi produzido pelos próprios professores, que buscavam registrar cenas de seu cotidiano de trabalho.

Na pesquisa que fundamenta este artigo, a fotografia foi adotada como recurso metodológico inserido no contexto de entrevistas individuais realizadas com 18 docentes – 10 homens e oito mulheres, com idades entre 39 e 58 anos – de diversos departamentos, sendo esses distribuídos entre seis centros de ensino da universidade. As entrevistas abordavam aspectos relacionados às várias dimensões do trabalho acadêmico e da política universitária, bem como questões relativas à saúde e ao modo de vida.

Foram utilizadas 22 fotografias retratando situações e ambientes relacionados, ou não, ao trabalho e à universidade. A diversidade das cenas incluía: cotidiano de trabalho acadêmico, condições físicas dos espaços utilizados pelos professores (salas de aula, secretarias, biblioteca, salas de atendimento, áreas verdes do *campus*) etc., bem como situações externas ao ambiente universitário (paisagens urbanas, lazer, ambiente doméstico etc.). Elas eram expostas de maneira aleatória sobre uma mesa após um determinado tempo de entrevista. Os docentes eram convidados a escolher as fotografias que mais lhes chamavam a atenção – independentemente do motivo de sua escolha, se positivo ou negativo – e a comentar cada uma delas. Uma vez destacadas do conjunto das imagens apresentadas, cada fotografia era alvo de comentários que giravam em torno do porquê da escolha, do que ela evocava ou do que podia representar para o professor ou professora naquele momento.

A partir desse estímulo, a fala tendia a seguir o curso do sentimento do entrevistado ou da entrevistada. A imagem capturada pela fotografia parecia suficiente para direcionar aqueles discursos. Diante disso, a entrevistadora evitava interromper a fala, pois, muitas vezes, ela fluía movida por certa carga emotiva. Para o desenvolvimento deste artigo, foram destacadas, nas entrevistas, trechos que melhor sintetizaram a percepção da maioria dos docentes pesquisados.

2. O refúgio nos recantos naturais na universidade se contrapondo ao desencanto diante da precariedade dos locais de trabalho

Ao se encontrarem diante das fotografias, a reação mais comum entre os professores e professoras era escolher, em primeiro lugar, aquelas que retratavam situações agradáveis. Tendiam a destacar espaços verdes da universidade, o mar, ruas arborizadas; ou seja, cenas que evocavam tranquilidade, descanso, prazer, sentimentos que julgavam importantes reterem na memória.

Os ambientes verdes da universidade e ruas arborizadas quase sempre eram as primeiras imagens a ser destacadas.

Primeiro, essa aqui [área arborizada do *campus* universitário]. Eu gosto do campo, eu amo o verde, eu gosto da natureza, eu sonho morar num local assim, no campo. Bem tirada, muito linda! Então, me traz muito bem estar. Até como estilo de vida, eu prefiro o simples, o campo, mais que o urbano. Essa é a primeira foto [...] Essa me chamou atenção: caminhar numa rua como essa, conversando [rua arborizada em ambos os lados, com algumas pessoas conversando enquanto caminhavam]. Gosto de tranquilidade, gosto de paz. (Homem, 47 anos).

Paz, ambiente gostoso da universidade. Eu gosto de andar pela calçada, ver os passarinhos cantarem, ver os miquinhos. Gosto de andar pela UF.⁴ Gosto de chegar bem cedinho, ainda com aquele vento bem fresquinho da manhã, passarinhos cantando. Gosto de água, de sol, de sentar na pedra. É paz, fazer uma coisa de cada vez. Me lembrou um pouco isso. Essa daqui foi especial [área verde em frente à biblioteca da universidade]. Embora seja uma mesinha com alunos estudando, eu enxergo uma coisa japonesa, então me trouxe aquela coisa de paz [...]. (Mulher, 58 anos).

O que está representado aí é a parte do *campus* que eu gosto: gramado, as árvores, a natureza [área arborizada do *campus*]. É o que me encanta lá. (Homem, 55 anos)
Essa aqui eu gosto muito. Gosto de ficar sentado ali [área verde em frente à biblioteca]. Eu gosto muito do espaço físico deste *campus*, do verde. (Homem, 49 anos).

Vou escolher essa de lazer [risos]. Eu acho que a UF é um ambiente muito agradável. Tem flores, tem macaquinhos, pássaros [área verde em frente à biblioteca]. Inclusive, essa aqui, que é o momento em que eu chego na universidade, que é o estacionamento. Às vezes, eu saio da ginástica, venho pra cá. Só que eu chego com muita fome; eu já como uma maçã. Então, às vezes, antes de descer do carro, eu fico comendo a minha maçã, pra não descer comendo. Aí, eu fico no carro, e é muito interessante. Eu ouço ruído de cigarra, ruído de pássaro cantando. (Mulher, 52 anos).

⁴ A sigla UF faz referência a uma Universidade Pública Federal, que não será identificada neste artigo.

Curiosamente, as mesmas imagens do ambiente bucólico da universidade – que estimularam falas sobre a tranquilidade, os encantos e as belezas do *campus* – induziram a visão de cenas invisíveis na realidade imediatamente retratada. As novas edificações, sejam elas acabadas ou não, foram percebidas como invasão de um lugar limpo e cheio de belezas, como intervenções desordenadas, sem planejamento adequado, sem atrativo.

O nosso *campus* é bonito. Agora estão fazendo várias construções. Quando eu cheguei aqui, isso tudo era limpo. Nosso prédio do CCJE⁵ é provisório. Faz 30 anos que aquilo é provisório. Poderiam construir no lugar. Parece que tem uma legislação que proíbe derrubar aquilo lá, não sei por que. Ao invés de fazer aqueles prédios longos, podiam fazer uma coisa mais verticalizada e não ocupar o espaço como estão fazendo, colocando um prédio do lado do outro, num espaço pequenininho. Fizeram uns prédios muito apertadinhos. [A entrevistadora pergunta: teria como fazer diferente?] Agora eu não sei, porque já ocuparam os espaços, mas se tivessem pensado nisso 10, 12 anos atrás, teria. O *campus* era muito bonito. (Homem, 56 anos).

Eu sinto uma sensação de perda quando eu vejo que prédios enormes estão sendo construídos, como aquele auditório que estão construindo ali na frente [*campus* de Goiabeiras]. Eu sou da época em que quando o *campus* foi para lá, eu era estudante em Maruípe, o *campus* tinha os prédios bem espalhados, um bem distante do outro. Era legal de se passear. Agora vai adensando, vai se construindo cada vez mais, e a área de natureza vai se restringindo cada vez mais. Interessante é que lá não se tem um projeto de se aproveitar melhor o espaço físico. Por exemplo, fazer prédios de dois, três, quatro andares. Não! Sempre assim. Então a área física vai durar pouco. (Homem, 55 anos).

Como é possível notar, alguns docentes manifestaram sentimentos saudosistas, construindo imagens de perda do que antes era limpo e atraente. Para Kossoy (1998, p. 42), a “reconstituição de um tema determinado do passado, por meio da fotografia ou de um conjunto de fotografias, requer uma sucessão de construções imaginárias”. Então, não foi necessário apresentar um registro imagético da universidade de 20 ou 25 anos atrás para trazer à tona o seu passado. A imagem capturada no presente detonou o surgimento de lembranças retidas na memória, trazendo consigo a saudade de um bom tempo. Ao mesmo tempo, trouxe à imaginação dos docentes registros de uma realidade atual que não havia sido posta no enquadramento fotográfico, ou seja, as novas edificações.

As construções mencionadas pelos docentes fazem parte do plano de expansão das universidades federais que, por sua vez, integra o REUNI (Programa de apoio a Planos de Reestruturação das Universidades Federais). O REUNI, como sabemos, condicionou a

⁵ Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

liberação de verbas destinadas à infraestrutura das universidades – bem como à ampliação do quadro de docentes – ao compromisso dessas instituições em ampliarem o número de cursos de graduação e, de modo particular, de pós-graduação. Assim, a universidade em questão foi aderindo ao projeto do Governo Federal, garantindo, desse modo, que novos prédios começassem a ser erguidos para abrigarem os novos cursos, principalmente a partir da metade dos anos 2000. Com isso, tem havido uma redução expressiva dos ambientes verdes – por sinal, bastante característicos do *campus* –, tendo em vista que não houve substituição de antigas construções por outras mais modernas, mas, sim, o uso de espaços considerados livres.

Foi esse novo cenário que surgiu como motivo de desconforto para alguns docentes, mesmo que ele não estivesse presente nas fotografias expostas. Daí o sentimento de saudade de determinados espaços do ambiente físico do *campus* que estão, cada vez mais, ficando no passado.

Como afirmei anteriormente, a tendência dos professores e professoras era destacar, em primeiro lugar, cenas que evocavam o lúdico, o lazer, o repouso e o prazer, independentemente de o registro ser de um ambiente interno ou externo à universidade. Assim, a segunda fotografia que mais chamou a atenção foi a que retratava o mar. A escolha dessa imagem, geralmente, era acompanhada de expressões de encantamento.

O mar, que eu amo! Adoro nadar no mar! A brisa, adoro nadar no mar, gosto mesmo. (Homem, 47 anos).

O mar, pra mim, é o maior lazer que existe. Eu, por exemplo, quebro a minha rotina. Eu vou à praia todo final de semana. Todo domingo é meu dia de ir à praia. Isso é uma coisa nova, é uma rotina nova, porque antes eu trabalhava domingo. (Mulher, 52 anos)Essa é a que mais gostei. Mar, céu, natureza, tranquilidade, paz. (Homem, 55 anos).

Essa praia é muito bonita. Eu gosto de praia. Uma das coisas que me prende aqui — eu devo ficar aqui mesmo depois de me aposentar — é o mar, o clima. (Homem, 56 anos).

Tanto os registros imagéticos dos espaços verdes da universidade como, também, a cena do mar, mostravam muito mais do que a face visível da beleza de um lugar. Eles evocavam sensações de prazer e tranquilidade, paz. Entretanto, é importante notar que, no primeiro caso, essas manifestações faziam quase sempre alguma referência ao ambiente de trabalho, muito embora as fotografias destacadas não identificassem claramente o ambiente

físico de uma universidade. Isso poderia passar completamente despercebido ao olhar de um observador externo. A natureza retratada naquelas imagens, no entanto, parece ter sugerido aos docentes uma espécie de refúgio diante da realidade experimentada no âmbito acadêmico. No segundo caso, a imagem do mar, entretanto, não pareceu expressar somente momentos de prazer, tranquilidade e paz vividos no presente. Evocava a necessidade de um completo rompimento da rotina universitária. Para os docentes, ela sugeria um projeto de vida de curto, médio ou longo prazo. Houve docentes que enfatizaram o empenho em mudar a rotina atual, inserindo nela momentos de repouso e lazer efetivos. Isso era tomado como uma meta de vida, geralmente decidida após terem sido acometidos por alguma enfermidade, com certo grau de gravidade. Outros docentes, por seu turno, viram, na imagem do mar, seus projetos de aposentadoria, ou seja, o futuro – para uns, mais próximo, para outros mais distante, isso a depender da idade e do tempo de inserção na universidade.

Cabe ressaltar, nesse caso, que há estudos mostrando que o adoecimento entre docentes universitários tem aumentado de maneira significativa (EMILIANO, 2008; LACAZ, 2010; BORSOI, 2012; BORSOI; PEREIRA, 2013). Em se tratando dos participantes da pesquisa em tela, por ocasião de sua realização, quase todos haviam procurado atendimento médico nos dois últimos anos que a antecederam. Alguns relataram que tinham sido afastados de suas atividades acadêmicas por licença médica. No geral, a explicação para o adoecimento girava em torno da excessiva demanda de trabalho na universidade. Esta envolvia uma grande exigência de produtividade acadêmica – em particular, a produção científica – e uma jornada laboral que, no geral, ultrapassava a fronteira da instituição e invadia o ambiente doméstico dos professores e professoras. Diante disso, é possível compreender que muitos deles expressassem a necessidade de quebrar a rotina acadêmica e de construir projetos de vida que colocavam o momento da aposentadoria no horizonte.

Ao mesmo tempo em que as percepções dos docentes eram aguçadas por imagens que expressavam o lúdico, a tranquilidade e o prazer, elas eram direcionadas, também, para aquelas que causavam incômodo e certa tristeza. Esses eram os registros de alguns locais ou situações de trabalho dentro da universidade. O encanto diante dos espaços verdes e bucólicos, que caracterizam parte do *campus*, se contrapunha ao total desencanto frente aos corredores, laboratórios, salas de aula e de atendimento individual. Alguns docentes descartavam, de imediato, determinadas cenas relacionadas ao trabalho, adotando, por vezes, apenas gestos de esquivia. Outros comentavam o que viam, mesmo informando que

descartavam a fotografia em questão. Cabe ressaltar que os comentários, nesse caso, vieram principalmente das professoras.

Essa aqui, não! Descarto [mesas sem uso numa pequena sala]. Essa aqui é o desleixo, é o vazio, é o nada, é uma coisa que não me atrai. Nada me atrai aqui, tem sujeira. (Mulher, 63 anos).

Essas aqui eu não vou separar não, senão só vou falar da bagunça. O que eu estou querendo dizer para você: fazem arrumação no laboratório e botam tudo no corredor. Aí, você tem que ir atrás de um ser vivo para vir aqui pegar. Eu vou receber alguém... vamos supor. Isso aqui faz parte da minha casa. Eu passo meu dia aqui. Então, eu cuido com carinho. Então, eu gosto de ver arrumado, ajeitado, agradável. Não gosto de ver sujo, não gosto de ver móveis velhos pelos corredores, cadeiras sujas. Isso me incomoda muito, muito mesmo! (Mulher, 54 anos).

Isso daqui, eu achei sujo [bicicletas encostadas nas paredes do corredor de um dos ICs⁶]. Dá a sensação daquilo que eu reclamo aqui na UF. É sujo. Eu não achei... Essa daqui! Está tudo enferrujado, sujo. Isso tem muito na universidade [mesas sem uso numa pequena sala]. Acho que isso é um desrespeito para com o aluno. Por que não tem uma pintura todo semestre? Por que não passam cal nessas paredes? Não pode ficar cheio de cupim, não pode ficar cheio de teia de aranha! Eu não entendo! Chegar numa sala de aula suja! (Mulher, 58 anos).

Corredor [fotografia do corredor de um prédio de um dos centros de ensino]. Coisas velhas. É a pobreza visual do local de trabalho. Você tem corredores cheios de coisas sem uso, não tem decoração, não tem pintura, não tem visual que dá prazer. Os ICs são uma vergonha. Não dá prazer também para os alunos de virem para aula. (Mulher, 56 anos).

Eu vejo a UF sempre assim. Representa a pobreza, armários muito simplórios, coisas baratas [fotografia de um laboratório]. Quando você tem um projeto de melhorar a universidade, não pode. Quando você quer que mexam no estacionamento, tem outras prioridades. Por aí vai. Prima pela pobreza, prima pelo radicalismo, prima pela falta de opção, pela imposição de ideia. Você vai para o Cepe⁷ discutir coisas, e certas coisas são pré-estabelecidas. Uma suposta democracia, desde que você comungue com um grupo lá instituído. (Homem, 55 anos).

O feio, a sujeira, o desleixo, a bagunça, o velho são as expressões mais frequentes para qualificarem alguns ambientes de trabalho ou espaços de acesso aos laboratórios, às salas de aula ou de atendimento.

Interessante notar que algumas falas ressaltam a necessidade de cuidar do local de trabalho como se fosse um espaço doméstico. Uma professora afirma: “Isso faz parte da minha casa”.

⁶ Prédios onde funcionam salas de aula.

⁷ Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Ora, no mundo globalizado, o tempo de trabalho vem, cada vez mais, extrapolando o ambiente físico laboral. Em se tratando do trabalho acadêmico, essa delimitação de lugar de trabalho e de não trabalho tem se tornado ainda menos definido. Para muitos docentes, a casa é um lugar de trabalho. Portanto, não deve causar espanto uma fala que refere a universidade como sendo a própria casa de uma professora ou um professor. Esse discurso parece sugerir que está se naturalizando a não delimitação do que deveria ser tempo de trabalho e tempo de repouso, lugar de trabalho e lugar descanso.

Em geral, os discursos dos docentes expressaram indignação e desalento diante da precariedade dos locais de trabalho, da ausência de planejamento, dos empecilhos burocráticos que, muitas vezes, inviabilizam mudanças na ordem instituída. Por outro lado, revelaram, também, o encantamento diante do lado belo da universidade, o ambiente arborizado que abriga uma vegetação colorida e pequenos animais.

Rosemberg (2011) encontra resultado semelhante, no que diz respeito à estrutura física, à organização do trabalho no cotidiano acadêmico etc. Nesse caso, os próprios professores fotografaram ou filmaram seus locais de trabalho na universidade. A autora ressalta exatamente essa discrepância entre os espaços internos e os externos do *campus* universitário. Aqui, também, a beleza natural das áreas verdes se contrapõe à precariedade e à feiura do lugar de realização do trabalho acadêmico.

3. A sala de aula: o desinteresse e a gratificação

Estudos mostram que um dos aspectos considerado motivo de gratificação e prazer na profissão, por parte de docentes universitários, é o contato com os alunos (ROSEMBERG, 2011; BORSOI, 2012). A sala de aula é, geralmente, concebida como lugar fundamental de formação de jovens para a vida e para o mundo do trabalho.

Na pesquisa em que se baseia este artigo, a percepção não foi diferente, o que pode ser confirmado pela reação que alguns entrevistados – principalmente as mulheres – tiveram diante de dois registros fotográficos que mostravam cenas de aula em andamento com estudantes de graduação e de pós-graduação. Em uma das imagens, um professor ministrava aula sentado atrás de sua mesa e, na outra, uma professora permanecia sentada, enquanto seus alunos faziam atividades em grupo. Ambas foram destacadas, no fundamental, pelos aspectos

problemáticos que retratavam no que diz respeito ao interesse dos estudantes pelas aulas e aos aspectos pedagógicos que envolvem a relação professor-aluno.

Fazendo de conta que esta é uma sala de aula da graduação, eu vejo desinteresse. Deve ter alguém falando aqui. Pode ser que o professor esteja falando. Vejo isso como desinteresse. E isso está acontecendo muito na graduação. Vejo pessoas entediadas... vejo dessa forma. (Mulher, 49 anos).

Aqui está tudo vazio! Ai! Tudo vazio! Sala de aula vazia e falta de interesse do aluno. Professor sentado? O que é isso? Professor tem que captar a atenção do aluno, ele tem que plantar bananeira! Olhe aqui! Estou entendendo que isso é uma sala de aula, professor dando aula... Aqui! (Mulher, 52 anos).

Eu não me identifico com esse formato de sala. A professora está completamente isolada, alguns alunos sozinhos. Não bate não. Essa aqui também está muito trancada. Por favor, me tire daqui! [...] Se eu estivesse como professora aqui, eu não estaria sentada. Acho que essa é a diferença. Eu não estaria sentada fazendo alguma coisa diferente do que eles estão fazendo. Eu estaria com eles em algum lugar, conversando junto. (Mulher, 63 anos).

Sala bem vazia, professor distante, cadeiras em formato de fileira. Por que não faz círculo? O aluno tem que olhar um para a cara do outro [É uma sala de pós-graduação, informa a entrevistadora]. Pós-graduação? Tem poucos alunos? É espaço. Cada um tem respeitar a fala do outro, cada um tem que estar olhando para a cara do outro. Tem que estar em círculo. Professor é um do grupo. (Mulher, 56 anos)
Eu estou entendendo que esta é a professora por causa da posição. Eu estaria nos grupos, atendendo, escutando. Mesmo que eles não me chamem, eu estaria lá escutando, perguntando... Eu gosto do ambiente de sala de aula, gosto dessa sala espaçosa, que você tem espaço para andar. Das minhas salas, eu não gosto porque não tem espaço para caminhar. (Mulher, 58 anos).

Eu gosto de dar aula, gosto dos alunos, gosto do ambiente escolar, gosto sim. (Homem, 47 anos).

Desinteresse, tédio, vazio, distância, isolamento, todas expressões adotadas para qualificar as cenas retratadas. As falas não se resumiam a uma descrição do conteúdo imagético à frente. Elas expressavam espanto e certa indignação diante da postura passiva, tanto dos professores como dos estudantes.

A leitura que as professoras e um professor fizeram dos registros fotográficos foi muito além do que estes mostravam em termos de um enquadramento de cena. Os elementos considerados negativos nas situações retratadas provocaram um discurso positivo sobre como deve ser o trabalho docente, no que diz respeito ao compromisso com ensino na universidade. Diante do que consideraram uma relação pedagógica inadequada, expressaram de que modo atuariam numa sala de aula para despertar a atenção dos estudantes; mostraram que, apesar da

diversidade de problemas que cerca a profissão na atualidade, ainda há sentimentos de gratificação e de prazer no ato de ensinar.

Esse sentimento de gratificação oriundo da atividade de ensino é apontado em outros estudos que abordam o trabalho docente em universidades públicas. Pesquisando um grupo de professores-pesquisadores, Alvarez (2004) mostra que alguns deles tendiam a considerar o ensino como um “momento de ‘alívio’ ou de ‘saúde mental’”, uma vez que estabelecia uma espécie de intervalo nas atividades de pesquisa – sendo estas, geralmente, associadas a cobranças em relação à produtividade. Rosemberg (2011), por sua vez, aponta certa ambivalência nos sentimentos dos docentes em relação à universidade, sentimentos esses que podiam ser de prazer ou desprazer. O envolvimento com os alunos, em sala de aula, no geral, era percebido como momento de prazer.

4. A Associação docente: um passado de saudades, um presente de desencanto

Entre todas as fotografias apresentadas aos professores e às professoras, uma despertou interesse especial, principalmente dos homens. Ela retrava uma assembleia da associação dos docentes convocada para deliberar sobre uma proposta de reajuste do plano de saúde da Unimed, já em sua fase conclusiva de decisão. A câmera fotográfica capturou a imagem do auditório cheio, com os docentes erguendo as mãos no momento da votação final. A partir desse estímulo, parte dos professores passaram a manifestar suas percepções e sentimentos acerca da associação sindical que os representa. Às vezes, o riso acompanhava a fala quando o docente descobria qual era a pauta da assembleia; outras vezes, era perceptível o semblante tristonho ao se deparar com uma cena rara nos tempos atuais da vida política acadêmica.

Essa é a assembleia da ADUF.⁸ Então, me remete aos meus momentos de maior atividade política. Já fui mais engajado, já fui até vice-presidente, fiz militância e tive até participação em todas as assembleias durante uma época. E depois que virou filiado à CUT,⁹ aí eu me afastei. Comecei a ver que o jogo político lá é de outra ordem. Mas, de qualquer forma, me traz algumas recordações interessantes. Hoje, acho que está muito burocrática. Antes era mais de militância. Depois se perdeu um pouco no petismo. As assembleias eram muito complicadas. Se você quisesse dar uma opinião que não comungava com meia dúzia de radicais que estavam lá, eles te

⁸ A sigla ADUF informa apenas que se trata da Associação de docentes da universidade em questão.

⁹ Central Única dos Trabalhadores.

apedrejavam. Então era melhor não ir. Vencia o silêncio. Quem falava era crucificado. (Homem, 55 anos).

Essa é uma foto bonita, porque é uma foto de participação. Me lembra as assembleias da ADUF. Eu, atualmente, estou afastada da ADUF no dia a dia. Mas já fui muito participativa. Particpei mesmo dos movimentos. Hoje, eu mesma me cobro. Estou afastada mesmo. Não tenho ido às assembleias. É uma falha minha. A ADUF, acho que a gente está passando por um tempo meio morto, está entendendo? Não sei se é porque eu acabo comparando com o tempo de briga, porque era sempre muito atuante. Mas a ADUF é a gente. Então, se está meio morto é porque nós não estamos participando. Mas ela cumpre o papel direitinho, vai atrás, está nos informando o que está acontecendo. Mas nós, os professores que participam, acho que nós estamos afastados um pouco dela. (Mulher, 54 anos).

Essa aqui, eu gosto. Toda vez que eu vejo uma assembleia cheia, isso mostra que o professor está vivo, do ponto de vista político. [Hoje] anda meio morta, embora eu participe da ADUF. Eu fiz parte da campanha eleitoral. Muitos colegas meus fazem parte da diretoria da ADUF. Morta, porque não tem mais perspectiva política, não. Acho que ela cuida dos interesses objetivos, práticos dos professores, muito pouco dos interesses políticos. (Homem, 52 anos).

Essa aqui porque eu sinto saudade do tempo em que a ADUF era mais atuante. Eu sinto saudade da ADUF! Hoje eu acho que ela é pouco atuante, e não é nem a direção da ADUF, não. Acho que é o movimento nacional que diminuiu muito. A ADUF é só uma das ADs [associações docentes] aí. O que eu noto é que isso acontece em outros lugares, e não somente aqui. Na verdade, hoje a ADUF está muito parecida com um condomínio. É isso que me incomoda. Por exemplo, você vai para ADUF discutir a Unimed. É importante também. Eu não acho que Unimed e Vivo devam ser uma coisa importante para a ADUF. Hoje em dia, você só consegue votar em alguma reunião da ADUF quando é uma coisa assim. (Homem, 42 anos).

As primeiras reações dos docentes foram de admiração, contentamento e, ao mesmo tempo, saudade. A positividade do olhar estava na participação política dos professores, enquanto categoria de classe.

A imagem mostrava uma “assembleia cheia”, sugerindo atuação e engajamento político. Esse estímulo fez aflorar lembranças de uma associação sindical que, para eles, se encontrava no passado. Diante disso, revelaram sentimentos de saudade da época em que questões políticas mais amplas eram discutidas juntamente com aquelas que diziam respeito diretamente à própria categoria; de quando se “doava tempo” para a associação; do momento em que uma assembleia tinha importância suficiente para que os docentes cancelassem atividades didáticas, não menos relevantes; de quando a participação política no âmbito universitário era parte significativa das atividades acadêmicas.

O saudosismo veio associado ao sentimento de desencanto diante do quadro político atual do movimento sindical. A associação dos docentes está “meio morta”, burocrática,

pouco militante, sem perspectiva política. Assim, como as demais associações de representação docente no Brasil, o quadro em evidência está em acordo com o contexto geral e globalizado que, como mostra Antunes (1995; 2000), se caracteriza por uma retração da participação dos trabalhadores em suas instâncias de representação, dada as profundas transformações ocorridas na esfera do mundo do trabalho.

No caso específico das associações docentes, trata-se de um processo que vem ocorrendo desde o início da década de 1990. Para Otranto (2000), são vários os fatores que estão na base da crise de participação docente no movimento sindical. Entre eles estão, por um lado, o sentimento de desgaste dos instrumentos comuns de reivindicação, o temor dos cortes de salários e da perda dos períodos mais propícios de férias, quando ocorrem greves; por outro, a falta de participação da nova geração de professores, que é formada sob uma nova visão política e social, e que está distante daqueles que viveram o período do regime militar.

Segundo a autora, verifica-se, nesse período, que “o agir coletivo caracterizado pela dedicação exclusiva dos militantes ao Sindicato tende-se a esgotar-se” (OTRANTO, 2000, p. 223). O que parece ocorrer é uma mudança na forma de militância, que agora não é mais integral, como apontou um dos entrevistados ao falar da doação de tempo à associação. A vida pessoal, antes deixada para o segundo plano, começou a ter prioridade, obrigando os professores e professoras a uma delimitação do tempo dedicado a uma e à outra esfera, como aponta Ion (1994).

Outro aspecto importante a ser considerado para entendermos o “desinteresse” dos docentes pelas questões sindicais é a sobrecarga de atividades que tem caracterizado o mundo acadêmico, principalmente a partir das duas últimas décadas. Além disso, há ainda o que Lemos (2010, p. 36) denominou de “militância de conteúdo profissional”. Essa forma de atuação se dá “a partir do exercício crítico no campo profissional em que o professor atua”. Agindo assim, o docente sente-se participando politicamente da vida acadêmica. O problema é que essa participação é centrada na ação individual, e não na ação coletiva, aquela que pode, de fato, criar condições para mudanças reais no âmbito universitário e social. Então, compreender o recuo do movimento sindical docente implica uma reflexão ampla que extrapola, e muito, os muros da universidade.

5. Considerações finais

O objetivo deste artigo foi discutir percepções e sentimentos que alguns professores e professoras constroem acerca da universidade, do próprio trabalho e da atuação sindical, tomando o registro fotográfico como estímulo para a discurso.

A partir de um conjunto de imagens com cenas, às vezes, agradáveis aos olhos, outras, quase perturbadoras, os professores e professoras expuseram muito mais que suas percepções. Revelaram seus sentimentos, ora de prazer e contentamento, ora de desencanto, decepção e indignação. O saudosismo de alguns mostrou-se estampado nas falas, na face, no olhar, numa referência ao período anterior à reestruturação e à expansão das universidades federais e a um sindicato que teve um passado atuante — e hoje é visto como "morto", burocrático.

O lado agradável das cenas apresentadas se restringiu, no geral, aos espaços que evocavam o lazer, o repouso, a tranquilidade. Todos os lugares, mesmo aqueles localizados no próprio *campus* universitário, não lembravam situações de trabalho.

Um dos docentes sintetizou a percepção da maioria dos entrevistados ao afirmar o seguinte acerca de três imagens que escolheu: “Essa aqui é a beleza do *campus*. Essa aqui é a feiúra e a desorganização do *campus*. Essa aqui eu gosto. Toda vez que eu vejo uma assembleia cheia, isso mostra que o professor está vivo, do ponto de vista político.”

O docente está vivo, mas sente-se desestimulado, desencantado. No grupo pesquisado, há professores e professoras que alimentam a esperança de que é possível mudar os rumos do trabalho acadêmico — caracterizado pelo produtivismo quantitativista, que, por sua vez, é determinante da perda de qualidade da produção e também do aumento dos casos de adoecimento. Outros começaram a entrar no caminho do desalento e esperam ser recompensados das perdas que o trabalho traz quando se aposentarem.

A beleza que os docentes veem na vida universitária quase sempre não está em seus locais de trabalho propriamente dito, mas na paisagem que abriga o *campus* e na possibilidade de usufruírem o conforto e o prazer nos momentos de descanso. No entanto, apesar de expressarem seu desencanto com aspectos importantes da universidade, eles revelaram que conseguem nutrir sentimentos de prazer e gratificação, principalmente, quando se trata da relação que mantêm com ato de ensinar.

Para finalizar, cabe chamar atenção para o uso da fotografia como recurso metodológico. Seguramente, a imagem fotográfica atua como uma ferramenta poderosa para

desencadear discursos, reações e sentimentos, quando utilizada como mediação entre o pesquisador e os próprios sujeitos envolvidos numa pesquisa. Além de oferecer um conteúdo visível – com suas faces imediatamente perceptíveis e outras nem tanto – a fotografia possibilita "quebrar o gelo" durante uma conversa ou uma entrevista, podendo possibilitar construir uma relação de maior proximidade entre todos os agentes envolvidos na investigação. A análise levada a cabo neste artigo pode atestar a eficácia desse recurso.

6. Referências

ALVAREZ, Denise. *Cimento não é concreto, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção acadêmica?* Rio de Janeiro: Myrrha, 2004.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

BORSOI, Izabel C. F. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. São Paulo, vol. 15, n. 1, 2012. pp. 81-100.

BORSOI, Izabel C. F.; PEREIRA, Flavilio S. Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento. *Temporalis*. Brasília, ano 11, n. 21, jan.-jun., 2011. pp. 119-145.

_____. Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento. *Universitas Psychologica*. Bogotá, v. 12, n. 4, 2013. pp. 1211-1233.

EMILIANO, Norma. *Sociabilidades e adoecimento nas universidades: a saúde do trabalhador na Universidade Federal Fluminense*. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social). UFF, Niterói, 2008.

KOSSOY, Boris. "Fotografia e Memória: reconstituição por meio da fotografia". In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998. pp. 41-47.

ION, Jaques. "L'évolution des formes de l'engagement public". In: PERRINEAU, Pascal (Org.). *L'engagement politique: déclin ou mutation?* Paris: Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1994. pp. 23-66.

LACAZ, Francisco, A. C. Capitalismo organizacional e trabalho: a saúde do docente. *Universidade e Sociedade*. Brasília, ano XIX, n. 45, jan., 2010. pp. 51-59.

LEMOS, Denise. Alienação no trabalho docente? O professor no centro das contradições. *Universidade e Sociedade*. Brasília, ano XIX, n. 45, jan., 2010. pp. 27-37.

LOIZOS, Peter. “Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa”. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2005. pp. 137-155.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia H. O uso da fotografia na pesquisa em psicologia. *Estudos de Psicologia*. Natal, v. 7, n. 2, 2002. pp. 237-250.

OTRANTO, Célia R. Movimento sindical docente: história e crise. *Revista Universidade Rural*. Série Ciências Humanas. Rio de Janeiro, vol. 22, n. 2, jul.-dez., 2000. pp. 213-229.

ROSEMBERG, Dulcineia S. *O trabalho docente universitário em análise do ponto de vista da atividade: tessituras de vidas em uma universidade federal brasileira*. Tese (Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação). Centro de Educação, UFES, Vitória, 2011.

SATO, Leny. Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em Psicologia Social do Trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. São Paulo, v. 12, n. 2, jul.-dez., 2009. pp. 217-225.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JUNIOR, João dos R. *Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico*. São Paulo: Xamã, 2009.

_____. Reforma da educação superior no Brasil: renúncia do Estado e privatização do público. *Revista Portuguesa de Educação*. Braga, Universidade do Minho, vol. 13, n. 2, 2000. pp. 81-100.